

# humanitas

**Vol. IV**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOL. IV (NOVA SÉRIE, VOL. I)



COIMBRA  
MCMLII

# NOTÍCIAS E COMENTÁRIOS

## O CONGRESSO DE CAMBRIDGE

As cinco sociedades britânicas de estudos clássicos — *Hellenic Society*, *Roman Society*, *Classical Association*, *British School at Athens* e *British School at Rome* — constituíram uma comissão única para organizar o seu congresso trienal. Este teve lugar em Cambridge, na *Arts School*, de 9 a 16 de Agosto de 1951. O ambiente da velha e linda cidade universitária era ideal para a realização desse projecto, e os nomes inscritos para as comunicações eram garantia segura de êxito. Apesar disso, a qualidade destas ainda excedeu em muito a nossa expectativa.

Considerando o conjunto, de um modo geral, nota-se logo uma predominância acentuada da arqueologia, a qual, na verdade, tem agora grande culto entre os humanistas britânicos. Outros aspectos da antiguidade clássica, como a literatura, a arte, a filosofia, a história, a religião, tiveram igualmente quem os tratasse.

Logo no primeiro dia, após uma recepção em *Old Schools* pelo *Vice Chancellor*, Mr. S. C. Roberts, *Master of Pembroke College*, pudemos ouvir, à noite, e sob a presidência de Mr. A. J. B. Wace, professor de Arqueologia em Alexandria, uma comunicação de Mr. C. W. Biegen, igualmente professor de Arqueologia, mas em Cincinnati. O assunto não podia ser mais sugestivo: Troy.

A conferência, acompanhada de projecções, mostrou as escavações realizadas no famoso local. O Professor Wace regressa à concepção antiga e afirma que é sua actual convicção que a única localização possível de Troia é a descoberta por Schliemann. Refere-se às diversas camadas, distinguindo, além da 7.<sup>a</sup>, ç 7.<sup>a</sup> A e a 8.<sup>a</sup>, e menciona o facto de por vezes serem utilizadas pedras de uma muralha na construção da da época seguinte. Apresenta também alguns dos objectos encontrados e afirma que Troia nunca foi um grande centro

da civilização micênica. A primeira das cidades desse nome ocupava apenas uma limitada área.

No dia seguinte, pela manhã, leve lugar uma das comunicações mais notáveis, apresentada pelo *Corpus Christi Professor of Latin* de Oxford, E. D. M. Fraenkel, sob a presidência do *Kennedy Professor of Latin*, de Cambridge, Mr. R. A. B. Mynors. Tratava-se de esclarecer o complexo problema da autoria do **Culex**.

O eminente professor oxoniense começou por analisar brevemente a composição da *Appendix Vergiliana*, que, em seu entender, reflecte a influência de diversos poetas, como seja de Virgílio, de Horácio, no *Catalepton*, de Propércio, na *Copa*, e de Ovidio, na *Ciris*. A *Appendix*, juntamente com o *Corpus Tibullianum*, dá-nos assim urna grande parte da poesia perdida dessa época.

Estudou a seguir a composição do *Culex*, notando a beleza dos versos 48-50, logo perdida numa digressão, e o paralelismo da cena do fantasma do insecto em 206-9 com Ilíada, xxiii, 62-5, a extensão desmedida da cena do Hades e o facto de a preferência pelo *epyllion* sobre um animal ser característica da época helenística. Chega então ao ponto culminante: o *Culex* é obra de Virgílio ou não? -- Não é — responde o Prof. Fraenkel. O meio mais certo de esclarecer a questão é o confronto dos passos paralelos deste poema com as *Bucólicas*, *Geórgicas* e *Eneida*, para decidir da prioridade destas.

Escolhe para a sua demonstração diversos exemplos. Em *Culex*, 289-93, e *Buc.*, vm, 47-50, aquele é claramente inspirado por este; *Culex*, 179, apresenta a expressão *intonat ore*, que lembra um verso de Esquilo, *Os Sete contra Tebas*, e aparece também no VI Livro da *Eneida*, aplicado à *Furiarum maxima*; em *Culex*, 272-5, a expressão *sine iudice sedes* não está relacionada com o contexto, ao contrário do que sucede em *En.*, VI, 431 : *nec uero hae sine sorte datae, sine iudice sedes*. A digressão *O bona pastoris* lembra a *O fortunatos agricolos* das *Geórgicas*. No poema de Hades, a revista dos heróis romanos é um mero ornamento, contrariamente ao que sucede no Livro VI da *Eneida*, que tem aí o seu ponto culminante e a sua justificação.

No começo do *Culex*, os versos 1-10 e 24-41 oferecem-nos expressões de estranhar, como seja invocar Octávio como *uenerande* e *sancte puer* e a promessa da *Eneida*. Depois, acrescenta irónicamente o Prof. Fraenkel, para nos certificar de que é Virgílio quem escreve, repete diversas linhas de outros poemas do mantuano.

A *Appendix Vergiliana*, continua o douto Professor, é uma colecção mista de poemas de diferente origem, que o acaso reuniu. Provém esse facto do desejo que o público tinha de conhecer algo das primeiras tentativas dos grandes poetas. Um exemplo desta tendência é o que nos aparece em Suetonio, *Vita Horatii*, ao referir-se à epistola em prosa de Horácio a Mecenas, em cuja autenticidade já não acredita.

Um derradeiro exemplo mostra uma imitação de Ovídio, *Met.*, π, 358-60, no *Culex*, 181.

Como Leo, o conferente pensa que o *Culex* deve ter sido publicado no reinado de Tibério. Se porém é ou não anterior aos versos *Ille ego qui quondam*, não há elementos para decidir.

Por último, analisa os testemunhos de escritores antigos em favor da autenticidade do poema, que são em grande número, certamente — explica — porque as pessoas facilmente acreditam naquilo que lhes agrada, independentemente de toda a crítica.

O passo de Estácio, *Silvas*, I, pref., em que se põe a par o *Culex* e a *Batrachomyomachia*, mostra como estes dois poemas herói-cômicos, cuja acção decorre entre animais pequenos, eram considerados *praeludia* às grandes epopeias da *Iliada*, *Odisseia* e *Eneida* (1).

No mesmo dia, às onze horas da manhã, Mr. I. A. Richmond, Professor de Arqueologia Romano-Britânica, em *King's College*, Newcastle-upon-Tyne, desenvolveu o tema **Mithraism oil Hadrian's Wall**, sob a presidência do Professor de Grego de St. Andrews, Mr. H. J. Rose. As projecções que acompanharam a exposição mostraram que o templo tinha duas partes, uma primitiva, mais pequena, e um alargamento desta. Encontraram-se lá dentro vestígios de banquetes rituais, estátuas e altares, que atescam o mitraismo, essa religião que nunca chegou a ser popular, mas se manteve sempre o apanágio dos cultos. O templo não deve ser anterior ao século in, e foi ampliado durante os iv e v séculos da nossa era.

No mesmo dia à tarde, coube a vez à filosofia. O professor de Teologia Dogmática do *Institut Catholique* de Paris, o P.<sup>e</sup> Paul Henry, S. J., dissertou acerca de **The personality of God in the Philosophy of Plotinus**. Na presidência da sessão encontrava-se Mr. A. H. Armstrong, Professor de Grego na Universidade de Liverpool.

(1) Esta comunicação acaba de ser publicada no *Journal of Roman Studies*, vol. xliii, Londres, 1952, p. 1 a 9.

Estudando o texto de Plotino, o conferente chegou à conclusão de que, em toda a parte, Deus é a consciência transcendental. O absoluto, que é Deus, não é impessoal, portanto.

No sábado, 11 de Agosto, a comunicação anunciada para as 9 e meia teve de ser substituída por outra. Escutámos então o Prof. H. D. F. Kitto, da Universidade de Bristol, que, tendo Mr. A. D. Trendall, Professor de Grego em Sydney, na presidência, desenvolveu este sugestivo tema: **The Greeks had no Word for It.**

Aquilo para que os gregos não tinham designação era, evidentemente, a própria literatura. O Prof. Kitto, com a sua conhecida autoridade nestes assuntos, estudou em primeiro lugar as divisões das artes, feitas pela *Poética* de Aristóteles, entre as que se servem de cores e as que asam sons, lamentando a falta de interesse pela música. Trata depois da diferença estabelecida entre *μίμησις* e *ποίησις* e da coexistência das duas em Homero. Mostra em seguida a divergência entre o historiador, que narra *τα γινόμενα* e o *ποιητής*, que narra *τα αν γένοιο*. Assim *ποίησις* é mais filosófica do que a história, A palavra *ποίησις* tem, evidentemente, um sentido mais lato do que *poesia*. Mas as mesmas formas de *ποίησις* e *μίμησις* podem também encontrar-se na prosa. É possível demarcar deste modo três grupos de escritos, sendo o primeiro a poesia, o segundo a literatura criadora e o terceiro constituído por todas as obras científicas e didácticas, etc..

Às 11 horas, Mr. A. G. Lee, *Fellow of St. Johns College*, Cambridge, falou, sob a presidência de Mr. J. F. Lockwood, Professor de Latim em *University College*, Londres, sobre **Ovid's «Lucretia»**. O conferente confrontou a narração do rapto de Lucrecia, feita por Ovídio (*Fastos*, II, especialmente vv. 741-754, 763-764 e 823-834), com a que escreveu Tito Lívio, I, 58, 7-10. Da análise estética e psicológica dos dois trechos pôde concluir que a Lucrecia de Ovídio nada tem da matrona romana, é uma natureza impressionável, ao passo que a de Lívio é mais retórica e baseia-se numa concepção heróica do mundo antigo. Contudo, não há contradição essencial entre as duas versões da mesma história.

A tarde foi ocupada por um *garden-party*, oferecido aos membros das Sociedades organizadoras do Congresso, no *Fellows' Garden* do majestoso *King's College*.

O domingo, 12 de Agosto, preenchido por uma excursão a St. Albans, foi uma lição prática de arqueologia. Pudemos, com efeito, admirar as escavações realizadas no sítio da antiga cidade romana

de *Verulamium*. A riqueza e variedade dos objectos encontrados é tal que pôde montar-se lá um museu, onde estão representadas as diversas profissões manuais da antiguidade, com os instrumentos que lhes eram próprios, a cerâmica, as armas, etc.. Apreciámos também largos panos de muralha, um hipocausto de uma casa cujo chão era revestido de mosaico de fino desenho, e ainda o antigo teatro. Uma curta visita à grandiosa catedral de St. Albans completou o passeio.

Na segunda-feira, 13, às 9,30, presidiu Mr. G. B. A. Fletcher, Professor de Clássicas em *Kings College*, Newcastle\*upon-Tyne, enquanto falava Mr. F. E. Adcock, Professor de História Antiga em Cambridge, sobre **The Literary Character of Caesar's Writings**. Analisou o sentido de *commentarium*, o carácter impessoal das descrições de César

— de acordo com o conceito antigo de história — e o problema da autenticidade das outras obras atribuídas ao famoso ditador. Segundo o Prof. Adcock, o VIII livro do *Bellum Gallicum*, o *Bellum Africum* e o *Bellum Alexandrinum* formam um grupo que poderia ter sido redigido sobre notas deixadas por César. Ao passo que o *Bellum Hispaniense* é diferente. Considera-o urna mistura de três elementos, o comentário à maneira militar, realismo de observação e desigualdade de estilo.

A comunicação que se seguiu, apresentada por E. R. Dodds, *Regius Professor of Greek* da Universidade de Oxford, que teve na presidência da sessão Mr. J. S. Morrison, *Fellow of Trinity College*, Cambridge, e versou sobre **The Idea of Progress in Fifth Century Greece**, pode, sem dúvida, ser considerada uma das mais notáveis que se ouviram.

A ideia de progresso, começou por afirmar o eminente Professor, faz a sua primeira aparição com Xenocrates. Até aí nada havia no género, nem mesmo em Hesíodo. A seguir, a melhor expressão dessa ideia encontra-se num discutidíssimo passo do *Prometeu Agrilhado*, 197, seqq. Para alguns exegetas, lê-se aí o encómio da tecnologia, mas o que Esquilo celebra é o poder do espírito humano. Outra dúvida consiste em saber se criou Prometeu como um símbolo ou como o modo real de conhecimento para os seres humanos,

O passo é até uma das causas da discussão acerca da autenticidade da tragédia. Sem discutir aqui esse problema, o que é certo é que não há nada nele da escola sofista, que acentuaria o aspecto da tecnologia e é mais tardia, e, se negarmos que esta interpretação da história é a de Esquilo, teremos de lhe retirar também a autoria da *Oréstia*. Com efeito, a dádiva das artes à humanidade por Prometeu e a das

leis, por Atena, no fim das *Euménides*, completam-se, e se uma é de Esquilo, a outra também é.

Outros exemplos da ideia de progresso podem encontrar-se na célebre fala de Teseu, no *Hipólito* de Eurípides, em Sófocles e nos filósofos.

Entre estes últimos, conta o famoso mito de Platão, no *Protagoras*, cuja origem tem sido muito debatida, tanto mais que o seu estilo se assemelha perfeitamente ao de outras narrativas do mesmo autor. Tem sido atribuído a Leucipo, Protágoras, Heraclito, aos chamados Órficos, a Pitágoras e Xenocrates. De todos estes, apenas o último pode ter tido alguma influência. Comparando o início do Livro I de Diodoro (§ 7-8), em que se historiam os começos da humanidade, com fragmentos de diversos outros autores (Anaxágoras, Hipócrates, Censorino, Tzetzes, Crítias) encontramos uma fonte comum provável, que podia ter sido Anaxágoras.

Em resumo, a ideia de progresso dominou na época áurea grega e tem sido comum a todas as eras brilhantes.

À tarde, houve duas excursões, uma a Ely, para visitar a famosa catedral, de estilos tão heterogêneos, mas tão bem harmonizados, e outra a Audley End, destinada a dar a conhecer as colecções dessa casa.

À noite, o Prof. de Arqueologia das Províncias Romanas no Instituto de Arqueologia de Londres, Mr. R. E. M. Wheeler, tendo na presidência Mr. J. O. Thomson, Professor de Latim da Universidade de Birmingham, falou sobre **Rome and the East. Art and Trade**. Acompanhando de projecções a sua exposição, foi demonstrando como houve duas vias comerciais romanas de penetração na Ásia, das quais uma descia para a Península do Hindostão e a outra seguia para as costas da Manchúria. As ruínas de Taxila mostram ainda diversas cidades sobrepostas. Na Península do Hindostão apareceram moedas romanas da época de Augusto e Tibério, em grande número e quase todas de ouro ou prata, vasos e estatuetas. E, facto de grande significado, encontraram-se também moedas cunhadas na Índia, à maneira romana. As obras de arte também mostram a transição do estilo romano para o oriental.

No dia seguinte, Mr. R. Meiggs, *Fellow of Balliol College*, Oxford, dissertou acerca de **Sea-Power and Timber Supplies in the Ancient World**, estudando, numa bem conduzida síntese histórica, as relações do poder marítimo com a situação dos estaleiros antigos, na Mesopotâmia, Fenícia, Egipto, e especialmente em Atenas, que no século v impor-



tava madeira da Macedonia, legando depois a Roma o dominio dos mares.

Às 11 horas, o Professor de Grego da Universidade de Glasgow, Mr. A. W. Gomme, apresentava Madame J. de Romilly, *Maître de Conférences de Grec* na Faculdade de Letras de Lille, que ia desenvolver o tema **Thucydides, Books VI and VII; From Raw Facts to Historical Narrative.**

A grande especialista de Tucídides mostrou, através de uma exposição cheia de veemência, como o historiador procura sempre fornecer uma explicação psicológica dos factos, nunca se perde em digressões que não se prendam directamente com a narrativa. Chega a deixar intervalos nesta e a contar a acção noutra lugar, para depois retomar onde deixara, acentuando assim o efeito dramático. O processo é demonstrado, enumerando os factos históricos conhecidos e notando em seguida a ordem por que são evocados nos Livros VI e VII. Em resumo, Tucídides, ao escrever história, compõe dramas e cabe bem nas regras que a *Poética* define para esse género. O «Manchester Guardian», ao dar, no dia seguinte, a noticia desta comunicação, intitulava-a: «Uma exposição que teria convencido Aristóteles...».

À tarde, sob a presidência de Mr. R. J. H. Jenkins, *Koraes Professor of Byzantine and Modern Greek*, em Londres, escutámos Mr. A. J.

B. Wace, Professor de Arqueologia em Alexandria, que falou sobre **Excavations at Mycenae, 1950**, enquanto se desenrolava o filme que as mostrava. Um assunto de tão grande actualidade não podia deixar de interessar altamente os congressistas.

As escavações em Micenas, recomeçadas no ano anterior, compreenderam diversos trabalhos nas proximidades do túmulo de Clitemnestra. Encontrou-se uma grande casa, que fora incendiada, na qual se continham diversos objectos, como vasos e estatuetas. Alguns destes vasos tinham a forma alterada pelo fogo. Também se encontrou um fresco, que representa um homem com outro aos pés.

Todas as características desta casa parecem sugerir uma hipótese. Os filhos de Pélops — segundo Homero, o primeiro rei de Micenas — tiveram uma contenda violenta, à qual se deve ter seguido uma guerra civil. É natural que durante esta tenham sido incendiadas as casas que rodeavam a muralha. Uma dessas podia muito bem ter sido a que se encontrou agora.

Na sexta, dia 15 de Agosto, falou em primeiro lugar o *Laurence Reader in Classics*, de Cambridge, Mr. W. K. C. Guthrie, acerca de **The**

**Presocratic World-Picture**, tendo a presidir Mr. D. Allan, Professor extraordinário de Filosofia Antiga em Edimburgo.

O conhecido historiador da filosofia antiga apresentou algumas maneiras originais de ver os presocráticos. Referiu-se aos Pitagóricos e à sua doutrina do *κόσμος*, a Heraclito, com a sua atitude materialista, que torna o fogo racional, e, ainda a Empédocles, dualista e preso aos órficos e pitagóricos, até chegar a Platão. E Mr. Guthrie conclui por afirmar que, embora com um certo exagero, se sentia tentado a classificar os pré-socráticos em duas categorias, os Milésios e os Órficos, deixando Empédocles só, como isolado dos deuses e dos homens, que sempre foi.

Às onze horas, Miss J. M. C. Toynbee, Professora contratada de Arqueologia Clássica em Cambridge, apresentava-nos Miss G. M. A. Richter, do Museu Metropolitano de Nova-York, que todos já conhecíamos largamente através dos seus notáveis estudos sobre vasos e escultura grega, e que ia desenvolver o tema: **The Roman Copyists**, acompanhado de projecções. Explicou que as cópias de estátuas gregas antigas começam a partir do século 11 A. C.. Embora muitas vezes os seus autores fossem na realidade gregos, é costume designá-los por romanos, de acordo com a sua época. Os ricos não se contentavam com ter gessos, queriam ter estátuas feitas de propósito para reproduzir as obras de arte mais notáveis. Em muitos casos, estas cópias são a nossa única fonte de conhecimento dos originais perdidos. Expôs em seguida como eram feitas. Havia também artistas criadores nessa época, mas a grande maioria dedicava-se a copiar, embora não servilmente. Algumas dessas reproduções testemunham até certas qualidades do estatuário.

Às cinco da tarde, o Professor de Papirologia da Universidade de Londres, E. G. Turner, presidiu à sessão em que Mr. A. Wifstrand, Professor de Língua e Literatura Grega na Universidade de Lund, dissertou sobre **Greek Literary Taste in the Second Century**.

Traçando desta época tão pouco estudada, o professor sueco apontou as diferenças existentes entre o aticismo de Luciano e o de Élio, que em certa medida se aproximavam dos classicistas do século 1, e se esforçavam por criar uma atmosfera arcaica, e referiu-se também, entre outros, a Máximo Tírio, para exemplificar as tendências para o platonismo nessa época.

Na quinta-feira, 16 de Agosto, o *Principal* de *Brasenose College*, Oxford, Mr. Hugh Last, apresentou a comunicação acerca de **The**

**Magliano Inscription and its Significance.** Trata-se de uma inscrição encontrada em Magliano, na Toscana, que, embora incompleta, dá curiosas informações acerca da composição das *centuriae*. A comparação destes dados com os que se encontram na elegia **XXXI** do livro II de Propércio esclarece ainda mais o problema. O testemunho não é inteiramente seguro, mas ajuda-nos, pelo menos, a formular uma nova teoria acerca da constituição das centúrias.

Terminada esta comunicação, que despertou grande interesse, devido à sua novidade e à alta categoria do autor, o Presidente da *Hellenic Society* e Professor de Grego em *University College*, Londres, Mr. T. B. L. Webster, proferia a alocução de encerramento do congresso, congratulando-se com o seu êxito, num ano que tinha sido assinalado nos anais da Filologia Clássica pela publicação de três obras que eram três monumentos de erudição (a edição do *Agamemnon* de Esquilo pelo Prof. E. Fraenkel, a de Teócrito, por A. C. F. Gow, e *Homer and the Monuments* por Miss H. L. Lorrmer) e com a brilhante representação dos mais doutos humanistas de tantos países.

Na verdade, todas as sessões decorreram no mais elevado nível de interesse e não faltaram, a completá-las, as discussões que se seguiam às conferências, tanto do gosto britânico, e ainda as exposições organizadas propositadamente para a ocasião, como a de Moedas Gregas no *Fitzwilliam Museum*, e a da *Lewis Collection* de gemas e antiguidades clássicas em! *Corpus Christi College*, e ainda a de manuscritos e incunábulo na Biblioteca da Universidade, onde se contavam exemplares raros dos clássicos gregos e latinos.

A acrescentar a todas estas excelentes condições, o ambiente de beleza e tranquilidade da velha cidade universitária de Cambridge, com a lição de arte e de tradição que são os seus *Colleges* magníficos, onde está inscrita uma larga parte da história da cultura.

MARIA HELENA ROCHA PEREIRA